

Práticas de Folksonomia e Social Tagging no Last.Fm

AMARAL, Adriana

Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da UTP
Rua Sydnei Antonio Rangel, 238. Santo Inácio.
Curitiba – PR. CEP: 82010-330
adriamaral@yahoo.com
(41) 88673724

AQUINO, Maria Clara

Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS
Rua Ramiro Barcelos, 2705. Porto Alegre/Brasil
mcjobst@uol.com.br

RESUMO

Nesse trabalho apresentamos uma breve descrição e problematização de algumas práticas de folksonomia no contexto das plataformas sociais de música, tomando como objeto de análise o Last.fm e observando alguns usos do social tagging como ferramenta de construção de identidade nos gêneros musicais.

Palavras-chaves do autor

Folksonomia, Social Tagging, Plataformas sociais de música online.

ABSTRACT

In this paper we present a brief description and criticism of some folksonomy practices in the context of music social platforms, having Last.fm as our object of analysis where we can think about the uses of social tagging in this particular context as a tool of identity construction in terms of musical genres.

Keywords

Folksonomy, Social Tagging, Social Platforms of Online Music.

ACM Classification Keywords

H.5.4 Hypertext/Hypermedia

INTRODUÇÃO

No fim dos anos 90 a popularização da web potencializou o modelo de comunicação muitos-muitos e com o passar dos anos, o aumento da diversidade de ferramentas de publicação e edição de conteúdo online de fácil manuseio foi um dos contribuintes para o aumento da quantidade de informações na web. Em 2005, Guulli e Signorini [1] apotaram a existência de 11,5 bilhões de páginas web e Fragozo [2] ressalta que “não bastasse a grandeza desses números, é preciso lembrar que a web é essencialmente dinâmica e auto-organizada”, além de empregar várias linguagens nas páginas.

FOLKSONOMIA

Para guiar os internautas surgem os buscadores, como os

Permission to make digital or hard copies of all or part of this work for personal or classroom use is granted without fee provided that copies are not made or distributed for profit or commercial advantage and that copies bear this notice and the full citation on the first page. To copy otherwise, or republish, to post on servers or to redistribute to lists, requires prior specific permission and/or a fee.

CHI 2008, April 5–10, 2008, Florence, Italy.

Copyright 2008 ACM 978-1-60558-011-1/08/04...\$5.00

mais conhecidos Google, Yahoo! e MSN Live Search, mas a proliferação desses mecanismos não significa solução dos problemas de representação e recuperação de informação online e trazem ainda outras dificuldades.

Segundo autores como Feitosa [3]; Céndon [4]; Lawrence e Giles [5]; Antoniou e van Harmelen [6] e Gulli e Signorini [1], os principais problemas dos buscadores atuais são:

- Insuficiência de resultados relevantes devido à ausência de termos de busca;
- Falta de atualização dos bancos de dados dos buscadores;
- Diferenças nos critérios de indexação e varredura entre os buscadores;
- Diferenças nos critérios de ordenação dos resultados oferecidos pelos buscadores;
- Diferenças de limites de tamanho das páginas indexadas, de tempo de processamento da pesquisa e restrições de palavras, que mostram que apenas comparar o tamanho das base de dados de cada buscador pode levar a resultados enganadores;

Além desses problemas, ainda há a crítica de Dreyfus [7] que, comparando sistemas de vocabulários controlados com os links da web, diz que ao invés de uma organização baseada em relações de classe, a organização da web é baseada na interconexão generalizada, sem hierarquia e num único nível. Se tudo pode ser linkado a tudo, Dreyfus [7] acredita que o usuário não pode utilizar o significado dos links para encontrar informações. A ausência de hierarquia se torna um problema, já que a quantidade tem importado mais do que a qualidade de conexões. O autor argumenta que sem restringir o que pode ser linkado a que, os links proliferam de maneira descontrolada, dificultando a recuperação dos dados. Por fim, afirma ainda que os buscadores são ineficientes por não considerarem o significado das palavras contidas nos documentos, já que máquinas e robôs de indexação não são capazes de entender o senso comum.

Com o surgimento da folksonomia [8], os problemas de representação e recuperação de informação na web e a crítica de Dreyfus [7] podem ser reavaliados. A prática das

tags surge como uma alternativa de gerenciamento de informação no momento em que permite a qualquer usuário da web representar e recuperar informações através de etiquetas criadas livremente e com base nos significados dos dados etiquetados.

O criador do termo *folksonomia*, Vander Wal, define a prática como o resultado de processos livres de “etiquetamento” de páginas e objetos, realizados em um ambiente social, por pessoas que consomem as informações, objetivando posterior recuperação. Assim, a folksonomia instaura um novo tipo de hipertexto, cujos links são constituídos pelas *tags*: o hipertexto 2.0 [9]. O que caracteriza os links desse novo tipo de hipertexto é o fato de que são criados por qualquer usuário da web, ao contrário do que ocorria no início da web onde apenas programadores e conhecedores de linguagens de programação editavam hipertextos, e por que são criados com base no significado das informações etiquetadas. Como aponta Mathes [10], a folksonomia representa uma mudança fundamental ao configurar processos que não derivam de profissionais, mas de usuários de informações, permitindo que suas escolhas em dicção, terminologia e precisão se evidenciem.

Quintarelli [11] distingue folksonomias largas de folksonomias estreitas. As primeiras têm como exemplo o delicious e mostram que várias pessoas concordam em utilizar um pequeno conjunto, porém popular de *tags*, ainda que pequenos grupos optem por termos menos conhecidos para descrever seus itens. Assim, uma folksonomia larga seria útil para investigar os termos mais usados por grandes grupos de pessoas que descrevem itens ou para extração de vocabulários controlados. Já as folksonomias estreitas, têm o Flickr como exemplo e resultam de um pequeno número de pessoas etiquetando, com uma ou mais *tags*, itens para posterior recuperação. Folksonomias estreitas perdem a riqueza de massa, mas beneficiam o etiquetamento de objetos que não são facilmente encontrados com ferramentas tradicionais e fornecem alvos de audiências, ou seja, pessoas que compartilham vocabulários próprios e que assim podem recuperar os itens de forma mais simples e eficiente.

Outra característica da folksonomia, apontada por Quintarelli [11], Udell [12] e Mathes [10], é o *feedback* imediato, ou seja, a dinamização intrínseca que possuem, pois cada vez que se sente a necessidade de criação de uma nova *tag* ou da troca de uma não muito utilizada por outra mais adequada, qualquer usuário o pode fazer, ao contrário de sistemas de gerenciamento de conteúdo controlados automaticamente ou por profissionais, que dependem de regras e procedimentos específicos para a atualização de suas bases de dados. Para Mathes [9] isso demonstra a comunicação assimétrica existente entre usuários de folksonomias, que negociam os significados com outros usuários a partir da criação individual de *tags*. É um processo coletivo, ainda que muitas vezes sem contato

dialógico entre os participantes, mas que ainda assim se baseia num processo interativo através das *tags*.

A causalidade é outra característica da folksonomia apontada por Mathes [9] e Quintarelli [10] e que se relaciona com a dinâmica de atualização da prática. Mathes [9] explica que navegar em folksonomias e conexões de *tags* estabelecidas pelos usuários é mais vantajoso pelo material inseperado que se encontra. Quintarelli [10] explica que a natureza desprovida de controle e o crescimento orgânico de folksonomias agregam a capacidade desses sistemas de rápida adaptação a mudanças de vocabulários e necessidades dos usuários.

Para Quintarelli [10] a folksonomia não é apenas a criação de *tags* para uso individual, pois os usuários também são, como as informações, objetos de agregação. “The power of folksonomy is connected to the act of aggregating, not simply to the creation of tags”, afirma o autor, justificando que sem um ambiente social que sugira agregação, as *tags* não passam de palavras-chaves soltas com significado apenas para quem as criou. O poder da folksonomia, para o autor, são as pessoas e a relação termo-significado emergente de um contrato implícito entre usuários.

PRÁTICAS FOLKSONÔMICAS NO LAST.FM

Após essa breve contextualização das práticas de *social tagging*, se as entende aqui, de acordo com Marlow et al [13], enquanto “sistemas de etiquetagem social que permitem que os usuários compartilhem suas *tags* como recursos particulares”. Cada *tag* serve como um link para recursos adicionais etiquetados da mesma forma pelos outros. Nesse momento, passamos então à análise de alguns usos no contexto da plataforma social de música online Last.fm [14]

Nossa primeira observação é de que o Last.fm pode ser categorizado como uma plataforma de *folksonomia estreita*, uma vez que seu contexto é segmentado a partir de gêneros e subgêneros musicais. Após o download e instalação do plugin de *scrobbling* [15] do site, ele começa a automaticamente rastrear todos os arquivos de áudio no momento em que eles estão sendo executados – o que requer um domínio específico dos usuários.

Segundo Amaral [16], “essas *tags* permitem a criação e a co-produção de um imenso banco de dados sobre os artistas, gêneros, subgêneros. A co-produção é entendida aqui no sentido da inspiração dos escritos antropológicos sobre etnografia em múltiplos lugares, um processo de produção em conjunto disparada por vários atores sociais que pode abranger tanto os hyperlinks como suas expressões”.

Para Forte [17], “esse conceito de coprodução ecoa o trabalho de natureza distribuída da cognição. (...) co-produção enquanto um processo de múltiplos atores criando um repertório cultural que pode ser baseado nos atores singulares”

Essa possibilidade altera a indexação, as buscas e a própria organização da web e é vista positivamente pela comunidade e pelos próprio Last.fm, que apóia o etiquetamento [18]. O Social Tagging no site já gerou algumas polêmicas, como, por exemplo as “tags mascaradas”, como no caso do álbum da cantora Paris Hilton, que foi classificado por alguns usuários como “death metal brutal”, subindo para o topo das classificações.[19].

As práticas de indexação através de *tags* mascaradas no Las.fm podem afastar alguns usuários do site, pois como são *tags* que não remetem diretamente ao artista ou música, devido ao seu significado não se relacionar diretamente com o nome da banda ou do artista, dificultam a busca e a recuperação de dados sobre determinados gêneros musicais. Essa prática de esconder informação através das *tags* mascaradas faz com que muito conteúdo não seja encontrado no site por aqueles que desconhecem essas *tags*, inibindo assim sua participação na plataforma.

As *tags* não precisam necessariamente estar vinculadas com o gênero/estilo musical em si e podem, agregar valores subjetivos como “breakfast radio” (rádio do café da manhã), “músicas que eu amo”, “música mais gay de todos os tempos” (esse foi uma das *tags* encontradas para as canções da cantora Madonna), etc. No caso de cenas e subculturas musicais específicas, há também as junções de um ou mais gêneros, como exemplo, a *tag hellektro* [20], que é uma derivação de dois subgêneros da música eletrônica. Nessa apropriação, os críticos e jornalistas de música acabam perdendo o poder do seu lugar de fala, no sentido de que anteriormente eram apenas eles que criavam tais categorizações. Assim as discussões sobre a natureza e autenticidade dos subgêneros musicais é discutida em múltiplas plataformas e fóruns, apontando a capacidade de um determinado grupo de desdobrar-se e negociar suas identidades em distintos locais e redes.

Nese caso as *tags* funcionam como marcadores didáticos (como electro, breakbeat, psy-trance, space-disco, por exemplo) e atuam como codificadores sintéticos de um gênero ou subgênero que nos remetem a determinadas sonoridades caracteristicamente definidas. Devidamente contextualizados culturalmente, englobam códigos, comportamentos, rituais, roupas, gestos, gírias, etc., o que indica sua força para a construção e desconstrução de identidades e subjetividades, seja na vida offline ou na vida online.

CONCLUSÃO

A folksonomia pode apresentar uma reavaliação dos problemas de representação e recuperação de informação na web através de suas múltiplas práticas e apropriações de *tags*, outorgando poderes de co-produção e de gerenciamento de informação alternativos aos dados de provedores, sites, buscadores, etc. No caso analisado brevemente, do social tagging na plataforma de música

online Last.fm, tais práticas apresentam-se como formadoras de identidades musicais e culturais dos usuários, além de construir um banco de dados informativo que rompe com os padrões tradicionais da crítica e do jornalismo musical em sua categorização de gêneros pelos usuários.

REFERENCIAS

1. Gulli, A, Signorini, A. The Indexable Web is more than 11.5 billion pages. *International Conference on the WWW 2005*. 2005, Japão.
<http://www.cs.uiowa.edu/~asignori/web-size/size-indexable-web.pdf>
2. Frago, S. Quem procura, acha? o impacto dos buscadores sobre o modelo distributivo da World Wide Web. In: XVI ENCONTRO ANUAL COMPOS, 16.; 2007, Santos. Anais... Santos, 2007. Disponível:
http://www.compos.org.br/data/biblioteca_177.pdf
3. Feitosa, A. *Organização da informação na Web: das tags à web semântica*. Brasília: Thesaurus Editora, 2006.
4. Céndon, B.V. Ferramentas de busca na web. *Ciência da Informação*, Brasília, n. 1, jan./abr. 2001. Disponível:
<http://www.ibict.br/cionline/include/getdoc.php?id=548>
5. Lawrence, S. e Giles, L. Accessibility and Distribution of Information on the Web, *Nature*, Vol. 400, pp. 107-109, 1999. Versão reduzida disponível online em 2003 em <http://www.metrics.com> [02/01/2007]
6. Antoniou, G, Van Harmelen, F. *A Semantic Web Primer*, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts, April 2004.
7. Dreyfus, Hubert L. *On the Internet*. Londres: Routledge, 2001.
8. Vander Wal, T. *Folksonomy definition and Wikipedia*. Disponível:
<http://www.vanderwal.net/random/entrysel.php?blog=1750>
9. Aquino, M.C. Hipertexto 2.0, folksonomia e memória coletiva: um estudo das tags na web. *E-Compós*, Brasília n. 9, nov. 2007.
10. Mathes, A. *Folksonomies - Cooperative Classification and Communication Through Shared Metadata*. 2004. Disponível:
<http://www.adammathes.com/academic/computer-mediated-communication/folksonomies.html>
11. Quintarelli, E. Folksonomies: power to the people. In: ISKO *Italy-UniMIB meeting*, Milan, Jun. 2005. Disponível: <http://www.iskoi.org/doc/folksonomies.htm>
12. Udell, J. Collaborative knowledge gardening:With

- Flickr and del.icio.us, social networking goes beyond sharing contacts and connections. *InfoWorld*. 2004. http://www.infoworld.com/article/04/08/20/34OPstrategic_1.html
13. MARLOW, Cameron; NAAMAN, Mor; BOYD, Danah; DAVIS, Marc. *Position Paper, Tagging, Taxonomy, Flickr, Article, ToRead*. 2006. Disponível em: <http://alumni.media.mit.edu/~cameron/cv/pubs/2006-ht06-tagging-paper.pdf> Acesso em 05/08/2007
14. <http://www.last.fm>
15. “Scrobbling a song means that when you listen to it, the name of the song is sent to Last.fm and added to your music profile. Disponível em: <http://www.last.fm/help/faq/> Acesso em 10/08/2007
16. AMARAL, A. Categorização dos gêneros musicais na Internet - Para uma etnografia virtual das práticas comunicacionais na plataforma social Last.FM. In: FREIRE FILHO, J., HERSCHMANN, M. (Org.). *Novos rumos da cultura da mídia. Indústrias, produtos e audiências*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007, v. 01, p. 227-242.
17. FORTE, M. Centring the Links: understanding cybernetic patterns of co-production, circulation and consumption. HINE, C. (ed) *Virtual Methods*. New York: Berg, 2005.
18. “Last.Fm supports user-end tagging or labeling of artists, albums, and tracks to create a sitewide folksonomy of music. Users can browse via tags, but the most important benefit is *tag radio*, permitting users to play music that has been tagged a certain way. Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Last.fm#Tags> Acesso em 15/08/07.
19. Informações obtidas no FAQ do site Last.fm.
20. Fusão do electro com os novos estilos de EBM (electronic body music). Esse termo controverso surgiu de forma espontânea, primeiramente nas discussões em fóruns de fãs em seus taggings e apenas posteriormente foi adotada pelos jornalistas, como podemos ver em http://rraur1.uol.com.br/cena/5551/Electro_dos_infernos_